

**RADIODIFUSÃO E PROJETOS EDUCATIVOS: CONTRIBUIÇÕES PARA O  
DESENVOLVIMENTO SOCIAL NO BRASIL (1922-1951)**

***RADIODIFUSIÓN Y PROYECTOS EDUCATIVOS: CONTRIBUCIONES AL  
DESARROLLO SOCIAL EN BRASIL (1922-1951)***

***RADIODIFFUSION AND EDUCATIONAL PROJECTS: CONTRIBUTIONS TO  
SOCIAL DEVELOPMENT IN BRAZIL (1922-1951)***



Vitor Hugo de OLIVEIRA  
e-mail: vitorhugo@ufu.br



Marco Antônio de SANTANA  
e-mail: bh.santana@yahoo.com.br

**Como referenciar este artigo:**

OLIVEIRA, V. H.; SANTANA, M. H. Radiodifusão e projetos educativos: Contribuições para o desenvolvimento social no Brasil (1922-1951). **Rev. Educação e Fronteiras**, Dourados, v. 12, n. 00, e023005, 2022. e-ISSN: 2237-258X. DOI: <https://doi.org/10.30612/eduf.v12i00.16650>



| Submetido em: 13/12/2022

| Revisões requeridas em: 19/01/2022

| Aprovado em: 25/02/2022

| Publicado em: 10/03/2022

---

**Editor:** Profa. Dra. Alessandra Cristina Furtado

**Editor Adjunto Executivo:** Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

**RESUMO:** Este artigo revela nosso olhar sobre o período histórico que se seguiu após a chegada da radiodifusão no Brasil e sua utilização em vários projetos educacionais (1922-1951), inaugurando um novo modelo de Educação à Distância (EAD). Nosso trabalho está ancorado em análise bibliográfica tendo em vista a escassez de arquivos sonoros sobre esta temática, especialmente, nos anos estudados. Analisaremos alguns importantes programas radiofônicos dedicados ao ensino/aprendizado e sua representação social num país em busca de desenvolvimento. Interessa-nos, ainda, a utilização inicial do rádio para o fomento da cultura de elite e as metodologias aplicadas para torná-lo um meio de comunicação oportuno a vários projetos voltados para a educação popular.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação à distância. História da educação. Processo educativo não escolar. Radiodifusão.

**RESUMEN:** Este artículo revela nuestra visión sobre el período histórico que siguió a la llegada de la radiodifusión a Brasil y su utilización en diversos proyectos educativos (1922-1951), inaugurando un nuevo modelo de Educación a Distancia (EAD). Nuestro trabajo se ancla en el análisis bibliográfico ante la escasez de archivos sonoros sobre este tema, especialmente en los años estudiados. Analizaremos algunos importantes programas de radio dedicados a la enseñanza/aprendizaje y su representación social en un país en busca de desarrollo. También nos interesa el uso inicial de la radio para la promoción de la cultura de élite y las metodologías aplicadas para convertirla en un medio oportuno para diversos proyectos destinados a la educación popular.

**PALABRAS CLAVE:** Educación a distancia. Historia de la educación. Proceso educativo no escolarizado. Radiodifusión.

**ABSTRACT:** This article reveals our view of the historical period that followed the arrival of radio broadcasting in Brazil and its use in several educational projects (1922-1951), inaugurating a new model of Distance Education (EAD). Our work is anchored in a systematic bibliographical analysis in view of the scarcity of sound files on this subject, especially in the years studied. We will analyze some important radio programs dedicated to teaching/learning and their social representation in a country in search of development. We are interested too in the initial use of radio for the promotion of elite culture and the methodologies applied to make it an opportune means of communication for various projects aimed at popular education.

**KEYWORDS:** Distance education. History of education. Non-school educational process. Radiodiffusion.

## Introdução

[...] todo discurso se configura em texto, segundo uma certa organização semio-discursiva feita de combinação de formas, umas pertencentes ao sistema verbal, outras a diferentes sistemas semiológicos: icônico, gráfico, gestual. O sentido depende, pois, da estruturação particular dessas formas, cujo reconhecimento pelo receptor é necessário para que se realize efetivamente a troca comunicativa: o sentido é o resultado de uma co-intencionalidade (CHARAUDEAU, 2005, p. 27).

Este artigo tem o objetivo de discorrer sobre as iniciativas educacionais estruturadas através do rádio que, desde sua entrada no mercado brasileiro, a partir de 1922, foi instrumento de políticas de aproximação e sociabilidades entre a população e as esferas administrativas. O rádio, a partir de suas primeiras experiências enquanto veículo de comunicação, chamava a atenção pelo grau de curiosidade e ineditismo que trazia. A invenção, que primeiro foi atribuída a Marconi e depois, em sentença da Suprema Corte norte-americana, reconhecida ao croata Nikola Tesla, teve suas primeiras transmissões, como polo de entretenimento em 1920, na Argentina e nos Estados Unidos (ZIGIOTTO, 2012).

No Brasil, o rádio atraiu a atenção de intelectuais da Academia Brasileira de Ciências que viam no meio de comunicação uma possibilidade de educação popular através de programações voltadas para a cultura e formação do conhecimento. Roquette-Pinto era membro da ABC e foi um dos mais entusiasmados incentivadores da radiodifusão no país. A primeira fase do rádio, em seu processo de instalação definitiva, ocorreu de 1923 a 1928, período em que Pinto apresentou um plano de desenvolvimento da educação através do rádio no Brasil e o projeto para a criação de duas emissoras: a Rádio Sociedade e a Rádio Escola Municipal, ambas no Rio de Janeiro (ZUCULOTO, 2010). Com esse entusiasmo, qual foi o papel do rádio na implementação de projetos educativos no Brasil?

Em Faria (2010) observamos que, apesar dos avanços e retrocessos sobre a Educação à Distância (EAD), algumas pesquisas nos dão conta que, em periódicos como o *Jornal do Brasil* (RJ), desde o ano de 1900, publicavam anúncios de cursos profissionalizantes por correspondência, caracterizadas, porém, por iniciativas individuais (neste caso de professores de datilografia), e não institucionais. Tal fato é repetido a partir de 1904 com a instalação das Escolas Internacionais, filiais de institutos norte-americanos, que ministravam aulas àqueles que buscavam uma ocupação, principalmente nos segmentos de prestação de serviços e comércio. Esta modalidade de ensino, bem como o material didático, chegavam via Correios e este dependia grandemente das ferrovias para transporte.

## As emissoras precursoras, educação elitista e a profissionalização do rádio rumo à comercialização e escolarização

O Instituto Universal Brasileiro (IUB), fundado em 1941, é considerado uma eficiente experiência em Educação à Distância (EAD), utilizando-se basicamente de materiais impressos. Com a entrada do rádio no mercado brasileiro, tal modalidade de ensino foi se tornando mais comum e, nos anos 1920, há notícias de aulas transmitidas, que podiam ser acompanhadas com os respectivos materiais impressos, notadamente as de francês, língua portuguesa e temas ligados à radiofonia

O investimento político em educação, segundo Hout (2012) pode ser produtivo socialmente, uma vez que os retornos coletivos dela advindos mostram-se, muitas vezes, superiores àqueles adquiridos individualmente. Embora não se possa afirmar, taxativamente, que a escolarização seja um elemento redutor da pobreza, devemos reconhecer que o grau mais elevado de educação ou mais tempo (anos) de estudos, estão associados a um maior rendimento financeiro. Assim é que a radiofonia, detentora de dialética própria e de uma certa popularidade entre as camadas mais pobres da sociedade, especialmente nos países em desenvolvimento, alcançou, mediante seguidas políticas públicas, em diferentes estágios de nosso desenvolvimento social, *status* de sala de aula, com potencial para alcançar um grande número de educandos, em menor período de tempo. Na década de 1920, diante das primeiras transmissões do rádio no Brasil, percebeu-se a força advinda deste veículo para superar obstáculos ao progresso da nação. O Rádio, assim, com sua abrangência, se apresentava com características suscetíveis de atenuar os índices de analfabetismo, estendendo suas mensagens educativas àqueles que não eram contemplados pelo regime escolar formal, pela oferta de escolarização complementar, superando grandes distâncias e colaborando na comunicação em regiões isoladas (DEL BIANCO, 2009; FARIA, 2011).

A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, primeira emissora do país, iniciou suas transmissões em 1923, com o objetivo de propiciar a educação popular, a exemplo do que estava sendo praticado pelo moderno sistema de radiodifusão em outras nações pelo mundo. A educação de pessoas jovens e adultas, fora da idade escolar, passava a fazer parte das preocupações sociais e era enfrentada com a tecnologia mais avançada através dos meios comunicacionais.

Na sua instalação, o veículo carioca funcionou junto à Escola Superior (militar) mantida pela administração pública federal, que com o tempo, passou a dificultar o desempenho institucional proposto pelos gestores da emissora (civis), com exigências extraordinárias e

desmedidas, às quais a rádio não conseguia cumprir devido à falta de receita comercial. Junte-se a isto o fato que os líderes da Escola Superior recebiam a possibilidade de serem transmitidos programas radiofônicos de teor subversivo ou de conteúdo contrário aos preconizados pelas forças governistas, fato que praticamente obrigou os instituidores da Rádio Sociedade a doarem a emissora ao Ministério da Educação e Saúde do governo Getúlio Vargas, em 1936 (ALVES, 2009; SOUZA, 2003).

As primeiras transmissões foram marcadas pela curiosidade e ineditismo da novidade radiofônica, com os aparelhos receptores ganhando o mercado e se tornando paulatinamente mais acessíveis ao consumidor. Do outro lado, os acadêmicos enxergavam e lidavam com a Rádio Sociedade (RJ) como se esta fosse um campo de pesquisas, utilizando seu espaço para debates científicos, problemáticas do ensino superior e disseminação de suas ideias políticas. A emissora, a exemplo do que ocorre nos espaços destinados à educação, contava com um laboratório, biblioteca e teatro para conferências, ou seja, ostentava uma estrutura física semelhante àquelas existentes nas escolas. Os radialistas *estudantes*, entretanto, em relação às transmissões, tentavam suprir sua pouca experiência técnica, com o recurso das bibliografias importadas ou mesmo, com pesquisas sobre a física e a eletricidade. Assim, viviam uma eterna pesquisa científica acerca da nova invenção, buscando soluções para as questões que se apresentavam tanto para profissionais, quanto para ouvintes – envolvendo a fabricação do aparelho, estudos sobre materiais e sua geração de interferências, melhoria e aproveitamento acústico – pontos estratégicos de instalação, acessibilidade financeira de baterias etc. Paralelamente, nos principais jornais do Rio de Janeiro, surgiam colunas especializadas em comentar e noticiar as novidades apresentadas pela radiofonia, não sendo também raras as revistas dedicadas aos assuntos exclusivos do rádio: publicavam sobre montagem e formas de melhorar a recepção radiofônica, acompanhadas de mapas de instrução etc. (COSTA, 2012; MENDONÇA, 2007).

Neste momento, no plano político e social, o Brasil vivia uma complexa adaptação às novas concepções e modos de vida, devido aos reflexos do espectro globalizante que também se apresentava aos países em desenvolvimento, revelando, especialmente por aqui, a partir de revoltas promovidas por parte da população pobre, vários focos de oposição ao governo da chamada *Primeira República*:

A efervescência dos acontecimentos políticos e culturais da década de 1920 anunciava as mudanças na conjuntura social brasileira que acabariam pondo um fim à Primeira República. É conveniente lembrar que havia, nesse período, um descontentamento generalizado no país com o governo e as velhas

fórmulas políticas monarquistas de manutenção do poder das oligarquias regionais, característicos da Primeira República, alimentando uma certa “fermentação oposicionista”. Depois dos operários, foram os militares que começaram a agitar-se. Em 1922, houve uma revolta de jovens oficiais no Rio de Janeiro (CARVALHO, 2002, p. 119).

Com o desenvolvimento das primeiras emissoras de rádio, a música clássica iniciou um domínio nas programações por meados dos anos 1920. Com isso, a educação, pensada inicialmente pelos introdutores da radiodifusão no país, ganhava ares de elitismo, tornando a audiência fatigante, ainda mais quando prolongada por várias horas. Apesar do entusiasmo pela invenção, as camadas mais populares não aprovavam a música executada e a comunicação executiva do *Speaker*, possivelmente pela falta de identificação e distanciamento entre as realidades apresentadas. O que os atraía mesmo era a possibilidade de sintonizar emissoras de outras localidades, estimulando os detentores do aparelho a buscarem uma melhoria na performance de seu equipamento. A imprensa chegava a publicar tabelas com os horários e a sintonia adequada para a melhor recepção de emissoras internacionais como: Nova Zelândia, Buenos Aires, Londres e Torre Eiffel (COSTA, 2012).

Fato marcante é que as rádios, desde o início, estabeleceram sua comunicação com o público através de uma seção de cartas. Nos primeiros anos, os ouvintes enviavam suas missivas ao próprio endereço onde estava localizado o prédio da emissora. Normalmente uma secretaria selecionava as mensagens, separando-as conforme seus destinatários fossem um comunicador ou um programa em específico. Posteriormente, as cartas passaram a ser remetidas às caixas postais, identificadas por números, que a partir dos correios eram encaminhadas à emissora de destino. Assim, através destas correspondências, os ouvintes pediam música, declamavam poemas, solicitavam conselhos amorosos, receitavam chás para as mais diversas moléstias, conclamavam orações poderosas e, de várias outras formas, solidificavam sua participação nos respectivos programas, dando ênfase à interação comunicador/ouvinte, onde o rádio se destacava como uma caixa de ressonância dos acontecimentos sociais. A título de curiosidade, uma situação exposta repetidas vezes em “*Cartas ao Rádio*”, na década de 1920, chamava a atenção, em forma de reclamação ao *Speaker*: como o aparelho radiofônico vinha “*dos estrangeiro*” e não trazia manual de orientação para o eficiente uso dos compradores (ou o fazia em língua estrangeira), em algumas ocasiões, os rádios eram comprados, sem que antes os adquirentes conhecessem a modulação adequada à sua região, o que em certas oportunidades impossibilitava a captação da onda radiofônica pelo aparelho receptor. Com isso, não era incomum a cena de um magnífico rádio importado, empoeirado em um canto de estábulo ou,

numa escura prateleira de garagem sem nenhuma prestabilidade apesar de seu alto custo financeiro.

Sobre a dinâmica de ensino/aprendizado, motivo primeiro do movimento de alguns pioneiros, ao convencimento do governo para a implantação de uma estrutura adequada para a introdução do rádio no Brasil, Costa (2012) afirma que, analisando as primeiras programações, consegue identificar uma fração do ideário que vislumbrava a promoção da cultura sem a necessária elaboração para tal fim e, uma outra que não se encaixava com a manifestação oral, praticada, cotidianamente. Segundo a autora, na Rádio Sociedade (PRA-2)<sup>1</sup>, além da execução de discos e dos espaços destinados aos informativos, o que se sobressaía era o entusiasmo pela potencialidade técnica do veículo, ausente, entretanto, qualquer estratégia metodológica de informação que levasse ao ensino.

Devemos nos lembrar que, paralelamente à entrada do rádio em nosso país (1922), vivíamos a Semana de Arte Moderna que, estimulada por um movimento mundial, reivindicava reformas culturais e intelectuais buscando o alcance de novos processos comunicacionais e educativos, como pressupostos desenvolvimentistas. Assim, de grande importância foram as propostas do filósofo norte-americano, fundador do pragmatismo, John Dewey que inspirou os adeptos da Escola Nova no Brasil, entre os quais, Lourenço Filho, Anísio Teixeira e Fernando Azevedo. Esses educadores brasileiros, no seu desejo de reforma, decorrente de tal movimento, lutavam pela educação elementar como direito de todos e como importante eixo de uma sociedade industrial e equilibrada. Sob estes aspectos e seguindo a tendência mundial de adesão a tudo o que representava a *modernidade*, o rádio poderia se destacar como o veículo adequado para atingir um indeterminado número de pessoas simultaneamente e auxiliar na extinção do analfabetismo que apresentava significativos índices em nosso país.

Para Castro (2013), a Rádio Sociedade parecia uma extensão da Academia Brasileira de Ciências, onde os acadêmicos eram os responsáveis pela produção e apresentação dos programas. Ali, Roquette-Pinto era visto rotineiramente, logo pela manhã, com seu lápis duas cores, andando de um lado para outro, circulando as partes que julgava importantes dos jornais matutinos. Algum tempo depois, se postava diante dos microfones da emissora carioca para

---

<sup>1</sup> Tal sigla – e as demais que aparecem ao longo do texto –, significam a identificação das emissoras de rádio. As “PR” originam-se do inglês *Pioneer Radio* (rádio pioneira). As letras A, B, C, D e E representavam a classe da emissora sob o aspecto da amplitude da onda eletromagnética vinculada à área de abrangência de sua modulação e os números distinguem o pioneirismo da emissora, segundo normas do Governo Federal. Assim, a primeira transmissão de radiodifusão, com o discurso do presidente da república Epitácio Pessoa, em 07.09.1922, no Morro do Corcovado, foi nomeada de PRA-1 Rádio Independência do Brasil; a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro foi inaugurada quase 1 ano depois, e se tornou PRA-2; Logo após veio a fundação da Rádio Clube do Brasil, criada em 12.08.1923, PRA-3; a Rádio Sociedade da Bahia surgiu em 18.12.1923 – PRA-4, e assim por diante.

apresentação do *Jornal da Manhã*, onde destacava, principalmente, o noticiário internacional, lendo e comentando as notícias para o público. Castro conta que, dentro de um regime de interação colaborativa, alguns ouvintes, entusiasmados, levavam seus discos de coleções clássicas, executando-os e comentando sobre seus compositores, músicos e cantores.

Na linha das produções educativas para o rádio, em 1924, a PRA-2 apresentava um programa infantil que contava com quinze minutos de duração, o que já demonstrava o entendimento dos produtores sobre a maior capacidade de assimilação com menor tempo de performance, manifestando também preocupação com a exaustão dos pequenos ouvintes, no caso de uma maior duração do entretenimento. De acordo com Costa (2012), a análise do conteúdo do referido programa infantil deixa claro que, na produção, liderada por João Kopke, também conhecido por *Vovô Kopke*, apesar de todo o enredo se dar através da contação de histórias, ficavam claros os objetivos de formarem admiradores de óperas e músicas clássicas, dada a recorrente exploração destes gêneros musicais. A autora ainda destaca que diante dos enredos de tal atração, sistematicamente avaliados, sobressaiu-se a preocupação dos produtores com a inserção de um conhecimento mais profundo sobre as coisas do país e do mundo.

Nem todas as produções, entretanto, tinham o cuidado de pensar na exaustão do público ouvinte. Sob este aspecto, salientamos o tempo que ocupavam as palestras na programação radiofônica, independente da duração da narrativa, abordando os mais diversos assuntos, de política à ciência, fugindo ao dinamismo e clareza exigidos pela radiodifusão. Historicamente, sob o ponto de vista prático, os programas de rádio evitam os discursos extensos sob pena de incidir na monotonia fatigante da audiência que acaba por incomodar o ouvinte, ao ponto deste desligar o aparelho receptor ou buscar outra sintonia. Horta (1972) afirma que a Rádio Sociedade apresentava, por esta época, um grande número de atrações voltadas para a educação que, nem sempre, contavam com a simpatia do público ouvinte. Assim, sobressaiam-se entre os cursos apresentados pela referida emissora: literaturas francesa e inglesa, esperanto, radiotelegrafia e telefonia, silvicultura prática, português, francês, italiano, geografia, história natural, física e química, tudo sob a supervisão de Roquette-Pinto, um dos precursores do rádio no Brasil e membro da Academia de Ciências.

Um fato interessante, entretanto, é que já no final da década de 1920, os acadêmicos que se dedicavam ao novo veículo de comunicação, começaram a dividir seus espaços com profissionais devotos da radiodifusão, o que pouco a pouco tornava a programação diária mais revestida de entretenimento, embora, ainda não apartada dos ideais educativos e culturais. O fato é que, a partir da Rádio Sociedade e com o passar dos anos, o rádio muito se desenvolveu,



sob o ponto de vista técnico e profissional, com um significativo aumento de emissoras, pelas grandes cidades e interior do país, com franco incentivo à comercialização das programações nas décadas posteriores e produções munidas de mais entretenimento agregado a renovados modelos de educação.

Na década de 1930, algumas emissoras com objetivos exclusivamente comerciais investiram na contratação de profissionais do entretenimento, apostando no potencial da radiodifusão como atividade mercadológica, o que de certa forma se contrapunha ao modelo educacional antes adotado por algumas empresas pioneiras do rádio no Brasil. Assim, foram inauguradas as rádios: Cajuti, Nacional, Guanabara, Tupi, Phillips, Jornal do Brasil, Ipanema, Mayrink Veiga, entre outras. Os diretores artísticos destas rádios tinham papel fundamental na escolha de programas, seleção dos *speakers*, contratação de cantores e elenco de novelas (COSTA, 2012, p. 120). Aliás, é também por este tempo que, alguns produtores, em certos momentos, imbuídos da obrigatoriedade da inserção de conteúdo exclusivamente educativo, em horários específicos, ensaiavam um engodo com a fiscalização, ao sugerirem para determinado programa (de mero entretenimento) algum nome relacionado ao ensino/aprendizado, o que ocultava os verdadeiros objetivos da atração radiofônica sob o manto da atuação conforme prescrevia a lei:

Uma das artimanhas consistia em adotar títulos sugestivos. O dicionário Toddy é um exemplo deste tipo de farsa. Irradiado na década de 1940 pela Rádio Nacional, embora o título estivesse relacionado ao estudo do vocabulário, o conteúdo se resumia à divulgação de músicas populares, por meio da execução de discos. Desta forma o speaker anunciava uma palavra-chave, lia seu sinônimo e todo o restante do tempo eram executadas letras de músicas que continham o vocabulário inicialmente apresentado (COSTA, 2012, p. 135).

Em 1932, instituiu-se o *Programa Nacional* por meio do Decreto 21.111/32, o que determinou um marco na exploração política do rádio em nosso país (BRASIL, 1932). O referido decreto-lei regulamentava a transmissão de uma atração *em rede nacional* que abordasse temas políticos, educativos, esportivos, religiosos, científicos, artísticos, agrários etc. A transmissão em rede, de acordo com Souza (2003), sempre foi um objetivo almejado pelas estações pioneiras da radiodifusão no país. Entretanto, a orientação do *Programa Nacional* firmava-se na divulgação política do governo federal através de noticiários e não na disseminação de educação e cultura como em outras atrações. Em 1935, tal programa de rádio passou a se chamar *A Hora do Brasil* e, ainda hoje é transmitido em rede, diariamente, das 19h às 20h, com o nome de *A Voz do Brasil*.

E por falar em Semana de Arte Moderna em [e não de] São Paulo<sup>2</sup>, convém lembrar que a educação foi um dos grandes temas do modernismo e muitos intelectuais também funcionaram como portadores da ideia de que a educação seria decisiva para promover a autonomia dos indivíduos, bem como o progresso coletivo. Isso porque, conforme sintetizou Michel Foucault ([1979]/2006, p. 71) em sua obra *Microfísica do Poder*, os intelectuais faziam parte de um sutil sistema de poder e passaram a ser considerados como “agentes da consciência” e também do discurso posto em circulação. Isso parece ter maior relevo no cenário de população fortemente analfabeta durante a República Velha.

Aqui, convém destacar o pensamento de Mário de Andrade que, em 1927<sup>3</sup>, publicou o romance *Amar, verbo intransitivo* e planejou o conto “Atrás da Catedral de Ruão”<sup>4</sup>. Essas obras tematizaram respectivos processos educativos não escolares, nas quais o escritor propositalmente estava a criticar as escolhas de muitas famílias da elite paulistana que punham em evidência a concepção de educação da polidez e ornamental ou de uma pedagogia anódina, não bastasse o desdém pela educação direcionada à população em geral.

Mário de Andrade, enquanto multifacetado intelectual debruçou-se sobre o assunto educação, já que, além de professor, tinha um peculiar projeto de brasilidade que passava pela valorização de elementos nacionais, não obstante a dificuldade de intervenção pragmática ou política. Entretanto, por convite do então governador de São Paulo, Fábio da Silva Prado, o modernista assumiu com grande entusiasmo a direção do Departamento de Cultura em 1935, chegando inclusive a dizer haver esquecido de si mesmo e se tornou o próprio órgão público que gerira. Nesse esforço, em matéria educacional, Mário de Andrade implementou o projeto de bibliotecas físicas e itinerantes na Capital Paulista.

Além disso, o intelectual envidou esforços para implementar a Rádio Escola, que conforme estrutura organizacional abaixo ilustrada, mostra que vários elementos culturais passariam pelo rádio e dele seria possível grande alcance na divulgação de concertos e conferências educativas.

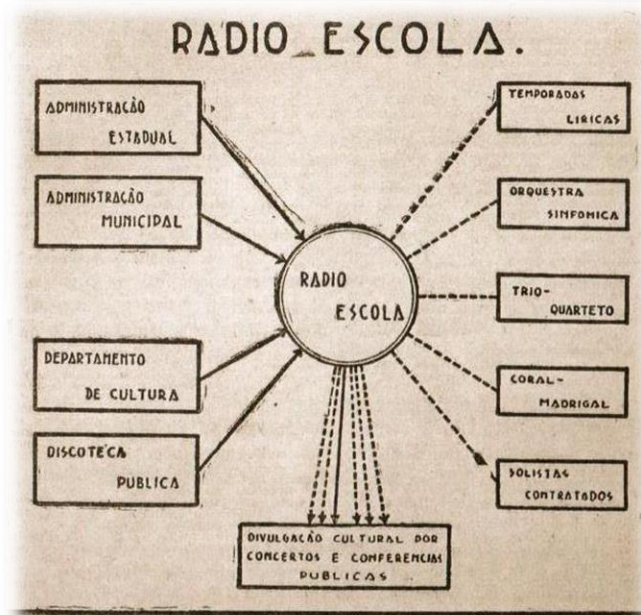
---

<sup>2</sup> Por considerar que ocorreram práticas ou manifestações de modernismo em outras localidades do Brasil (SILVA, 2022).

<sup>3</sup> Nova edição, com alterações, foi publicada em 1944.

<sup>4</sup> Conto integrante da coletânea *Contos Novos*, publicada postumamente em 1947.

**Figura 1** – Organização da Rádio Escola



Fonte: Calil e Penteadó (2015, p. 55)

Ocorre que a Rádio Escola nunca foi ao ar. Não faltou projeto, tampouco estrutura técnica ou de conteúdo educacional, mas a contingência orçamentária desfavorável superveniente retirou as condições de sua implementação. Assim, em 1938, Mário sucumbiu à densa goma burocrática da Administração Pública e da mudança de Governo e, com muito pesar, é desligado daquele cargo. Essa dinâmica aliada ao contexto revelam a importância atribuída ao rádio como ferramenta para fins educativos.

Voltando aos demais programas relacionados à educação, devemos nos lembrar que tais produções eram geralmente realizadas por radialistas ou professores dedicados que se propunham a executar uma inédita tarefa de ensinar, agora através das ondas sonoras. Era uma outra forma de Educação à Distância (EAD), se comparada com o método anteriormente utilizado, através de cartas que, como vimos, já na virada do século XX dava seus primeiros sinais. O rádio trazia elementos de celeridade e imediatismo, dispensando com este *fazer educacional* a interferência do Serviço de Correios e Telégrafos. Tal iniciativa, entretanto, muito possivelmente, devido à incipiência das experiências educativas envolvendo a comunicação e a audiência do rádio, carecia de uma metodologia específica, o que geralmente levava a processos de produção artístico-culturais intuitivos, muitas vezes ancorados em estratégias de repetição das leituras realizadas e lições aplicadas nas aulas presenciais que, por sua vez, apresentavam dinâmicas diferentes das aplicadas nos dias de hoje. O conhecimento,

bem sabemos, é uma construção mútua entre os sujeitos educacionais, marcado pela interatividade e respeito, com estímulo ao desenvolvimento da autoestima, autonomia e confiança para o domínio de habilidades. Este entendimento enfrentava um inédito viés com um moderno veículo de comunicação intermediando uma nova forma de ensino/aprendizado, sem o necessário domínio por parte dos mentores do conteúdo educacional. Assim, entendemos que o rádio representou desde o início uma importante prática de saber educativo, desafiando alunos e professores que se aventuraram pelas suas produções. A educação à distância (EAD) e aí incluem-se parte das iniciativas radiofônicas, é assim definida por Nunes, na Revista Brasileira de Educação:

Esta pressupõe um processo educativo sistemático e organizado que exige não somente a dupla-via de comunicação, como também a instauração de um processo continuado, onde os meios ou os multimeios devem estar presentes na estratégia de comunicação. A escolha de determinado meio ou multimeio vem em razão do tipo de público, custos operacionais e, principalmente, eficácia para a transmissão, recepção, transformação e criação do processo educativo (NUNES, 1994, p. 4).

Assim, a radiodifusão foi se consagrando, especialmente entre algumas elites, como forma de superar o subdesenvolvimento, o que não ocorria somente no Brasil, mas em países que igualmente ressentiam-se de economias precárias, como foram os casos, a partir da década de 1950, de Colômbia, México, Bolívia e Venezuela. O entendimento era que o caminho para a extinção da pobreza passava pela modernização, que se traduzia, sob o ponto de vista prático, na adoção das mesmas estratégias e métodos de produção adotados pelos países desenvolvidos. Sabendo que o analfabetismo era um empecilho ao desenvolvimento e, necessitando celeridade em suas expectativas de progresso, o rádio passou a integrar o cotidiano dessas sociedades como meio que possibilitaria o aumento do nível educacional e a consequente introdução de novas tecnologias (CHARAUDEAU, 2005; DEL BIANCO, 2009).

### **Algumas produções educativas de destaque na história da radiodifusão brasileira**

No Brasil, algumas produções, do início da experiência com o rádio foram importantes, como o programa *A Enciclopédia Popular*, apresentado por Alziro Zarur na década de 1940, diariamente, pela Rádio Mayrink Veiga, do Rio de Janeiro. A atração dividia-se em duas partes sendo que uma era chamada de *Curiosidades e Utilidades* e a outra *Gatinhos e Sinucas*. Tratava-se de uma comunicação educativa imbricada com entretenimento onde o *speaker* realizava

perguntas e os ouvintes encaminhavam suas respostas por escrito, através dos Correios e Telégrafos ou mesmo, levando sua carta à portaria da emissora, endereçada ao referido programa. Algumas perguntas são lembradas: *qual o nome do Cavalo de Alexandre Magno?*; *quantos metros tem o intestino de um boi?* Para Costa (2012), o argumento do programa se limitava à resposta do ouvinte e, posteriormente, ao anúncio da opção correta pelo locutor, porém em data futura (uma vez que, entre a pergunta e a resposta, havia o tempo de remessa e o de recebimento da correspondência). A autora afirma também que, tal modelo caracterizava a transmissão do conhecimento de forma isolada sem definir um aspecto educativo, propriamente dito, por carecer de uma maior organização do conteúdo didático. E complementa asseverando que eram muitas informações fornecidas num limitado espaço de tempo sem a devida preocupação com uma metodologia de ensino/aprendizado.

A *Biblioteca do ar* era um programa que tinha como objetivo apresentar o melhor da literatura nacional e internacional através da leitura de pequenos trechos das obras adotadas, com os recursos de sonoplastia comuns ao rádio, constituídos por aplausos, gritos, trovões e outras formas de ativar a imaginação do ouvinte para seu envolvimento com a narrativa. Não tinha a intenção de revelar o desenlace das histórias ou enredos da obra, mas sim de chamar a atenção e despertar a curiosidade para a sua existência. Carregava, também, como característica a não correspondência de vínculo com os currículos de literatura apresentados pelas escolas. A *Biblioteca do ar* tinha como produtor e apresentador o radialista Genolino Amado, que buscava, com o programa, romper com o academicismo que distanciava uma certa elite da população não consumidora de livros. Foi transmitido de 1941 a 1944 e ia ao ar às segundas, terças, quartas, sextas-feiras e sábados às 18h30min, com duração de 25 minutos. O produtor, dividia o programa por gêneros (assim como ocorre nas bibliotecas), e com isso, em cada programa, conseguia divulgar diversas obras. Desta forma, ele justificava que a grande variedade de autores servia para fornecer ao ouvinte diferentes opções de leituras. Entre os temas explorados pelo programa *Biblioteca no ar*, destacamos do ano de 1941 o episódio transmitido em 6 de janeiro, denominado *A pátria gloriosa e os seus heróis* – que trouxe leituras de trechos das obras de Ruy Barbosa, Castro Alves, Olavo Bilac, Jonas Corrêa e Afonso de Carvalho (COSTA, 2012).

*Ouvindo e aprendendo* foi outro programa de rádio com proposta educativa elaborado e textualizado por Genolino Amado, na Rádio Nacional (RJ), de 1945 a 1950. Sua apresentação, entretanto, ficava por conta dos radialistas César Ladeira e Sônia Oiticica que estabeleciam um diálogo no decorrer do programa, simulando uma conversa cotidiana entre amigos. Em um dos

textos, a título demonstrativo, o interlocutor manifestava sua inquietação e o outro trazia, sempre por via do colóquio amistoso, a explicação munida de seus respectivos exemplos. Geralmente abordava mais de um tema, deixando clara a intenção de variar e não de aprofundar no conteúdo. Tinha apenas 5 minutos de duração e objetivava através dos “*drops*” informativos esclarecer dúvidas sobre questões relacionadas à Gramática da Língua Portuguesa, Ortografia, História do Brasil, História Universal e Geografia. Eram breves lições sobre o léxico; como escrever determinada palavra, se com “s” ou com “z”; trechos sintéticos sobre descobrimentos, invenções, vegetação etc. (COELHO, 2011).

Em 1936, com a inauguração da Rádio Jornal do Brasil (PRF-4), Ariosto Espinheira foi convidado a comandar a atração infantil intitulada *Viagem através do Brasil*, que ia ao ar às terças, quintas-feiras e domingos. Ariosto, escritor e *speaker* do programa, falava aos pequenos sobre geografia, história e cultura nacional, de uma maneira leve, como se estivesse fazendo um sobrevoo por certa região ou uma viagem através do tempo. Suas narrativas em forma de crônicas para o referido entretenimento resultaram numa publicação homônima, na década de 1930, pela Editora Melhoramentos, que muito contribuiu para nos formar a ideia sobre as abordagens que o autor fazia utilizando-se da comunicação educativa. Durante o programa, o locutor narrava a geografia dos locais, permeando o discurso com detalhes físicos e características próprias, dos lugares e monumentos:

O sol desponta ainda preguiçosamente no horizonte, iluminando aos poucos a pista de decolagem onde se encontra o aeroplano prestes a decolar. O aviador, recém chegado, se preocupa em conferir equipamentos, vestimentas, mapas e demais instrumentos que lhe serão necessários. A viagem que agora se inicia lhe exigirá muito, de modo que tudo necessita estar na mais perfeita ordem. Assim se inicia o percurso de exploração e apresentação do território catarinense encabeçado pelo intrépido piloto do aeroplano presente em toda a narrativa do livro *Viagem através do Brasil – Santa Catarina*. Tratava-se do sexto volume da coleção *Viagem através do Brasil 2*, que tinha como incumbência fornecer a um público infantil a apresentação geográfica e cultural do Estado de Santa Catarina (PHILIPPI, 2013, p. 1).

Nos textos radiofônicos, o autor dividia o país em 5 regiões geográficas: norte, nordeste, leste, meridional e central. Ao final de cada narrativa, a exemplo do que fazemos hoje em nossos trabalhos acadêmicos, ele trazia uma lista de autores com as respectivas obras pesquisadas, arrolando assim, por ordem alfabética, suas referências. Contava, entretanto, com uma bibliografia permanente, de escritores, aos quais recorria corriqueiramente, na tarefa de construir pela linha da narração radiofônica, as características culturais, geográficas e históricas

do nosso país e de nosso povo. Assim, constituíam um rol de referências permanentes: Euclides da Cunha, Roquette-Pinto, Olavo Bilac e Sílvio Romero.

A propósito destes destacados intelectuais, no programa em que Espinheira discorre sobre os negros, os jagunços e os caboclos, é perfeitamente detectável, para os apreciadores de literatura, traços da obra de Euclides da Cunha com suas descrições antropológicas. Da mesma forma, ao falar em outro programa, das etnias na composição do folclore nacional, ele nos remete à escrita de Sílvio Romero e assim por diante. De fato, o produtor Espinheira se preocupava com narrativas que levassem a uma interação identitária na comunicação com as crianças, objetivando com isso assegurar o desenvolvimento estruturado no orgulho e autoconfiança dos pequenos. Entretanto, sob este aspecto, o radialista não encontrava estímulo na elite cultural daquele momento, que preocupada em apartar o que era erudito daquilo que era popular, estava voltada para a reforma social pela alfabetização e criação de infraestrutura sanitária.

Outro fato importante é que para organizar seus textos, Espinheira utilizou como referência sua obra literária de 1934, intitulada *Rádio e Educação*, que era dirigida aos professores, recomendando-lhes a utilização do rádio nas salas de aulas. De acordo com Costa (2012), no segundo capítulo do livro *Rádio e Educação*, o destacado radialista apresentava sete formatos de programas radiofônicos, a partir de pesquisas apresentadas pela União Internacional de Radiodifusão: a *lição ordinária*, a *conferência*, a *palestra*, o *diálogo*, a *dramatização*, a *narrativa* e a *reportagem educativa* (ESPINHEIRA, 1934; 1941).

*O tapete mágico de Tia Lúcia* foi mais uma atração destinada ao público infantil, tendo estreado em 1935 na Rádio Escola Municipal do Distrito Federal (PRD-4), com a apresentadora (Speaker) Ilka Labarthe interpretando Tia Lúcia. De posse do microfone, ela empreendia uma *viagem sobre um tapete mágico* e rumava para vários países do mundo, explorando durante sua aventura aspectos culturais, históricos e geográficos destas nações. As crianças eram participantes ativas do programa fazendo as mais variadas perguntas à Tia Lúcia que, respondia com uma didática própria dos grandes educadores que têm o dom da comunicação. *O Tapete Mágico* passou pelas emissoras Mayrink Veiga e em seguida Rádio Nacional, ambas do Rio de Janeiro, tendo permanecido no ar por pelo menos 15 anos. Com os textos da produção elaborada para o rádio, também foi publicado um livro para a literatura infantil:

Em 1937, o conteúdo do programa foi publicado em *O Tapete mágico da Tia Lúcia* em apenas um volume, pela Companhia Editora Nacional. Alguns textos desta atração também foram divulgados pela Revista Nacional de Educação. Diante da escassez de fontes, estas publicações têm grande

importância para o estudo do conteúdo que foi irradiado. Por sua vez, foram localizadas no Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, algumas gravações realizadas ao final dos anos 1940, na Rádio Nacional (COSTA, 2012, p. 183).

Com isso, ao iniciar seu programa, *viajando junto com as crianças* através das ondas sonoras, Tia Lúcia já havia escolhido um país e, iniciava as falas sobre sua localização, clima predominante do lugar, relevo em destaque, extensão territorial, população, monumentos, festas e costumes locais etc. Depois, destacava as principais cidades, sua história, hábitos e condições de vida dos cidadãos. Assim era que a comunicadora buscava despertar na criança a curiosidade de conhecer e pesquisar: através de uma narrativa cheia de detalhes e informações variadas, lançando aos pequeninos o conhecimento geral, ao mesmo tempo em que, esmerava-se na boa comunicação. Assim, no episódio dedicado ao México, extraímos o seguinte trecho do texto radiofônico que depois se tornou livro:

Que está você dizendo Henriete? Que seria magnífico descermos um pouco? Sim, mas temos tempo? Tia Lúcia deseja que vocês visitem, ainda, não só o Palácio de Chapultepec, como o interior do Palácio Nacional – Xochimilco, a maravilhosa Terra das Flores, a poética cidade dos casais, a Veneza Azteca, como é chamada. Voltaremos ainda a cidade dos Deuses, às ruínas de Teotihuacan que dista apenas, da capital do México, 45 quilômetros. Aí veremos as célebres Pirâmides do Sol e da Lua. Foi nessas pirâmides na cidade dos Deuses, que, segundo diz a lenda, nasceu a Luz. Diz ainda que os deuses que habitavam Teotihuacan, embora numa suprema bem-aventurança, não conheciam a Luz. Deliberaram, então, criar a luz (LABARTHE, 1937, p. 138).

Interessante é que, embora dedicado às crianças, o conteúdo explorado no rádio, não correspondia àquele ministrado aos pequenos em idade escolar. Nas décadas de 1930 e 1940, o nível fundamental somente tinha acesso ao conhecimento de história e costumes do Brasil e não se *aventurava* por outras partes do mundo. Em uma passagem de seu livro, Ilka Labarthe justifica que, a Tia “não visitou pessoalmente” todos os países que destaca no programa, entretanto estudou nos livros, que propiciam viagens independentemente do deslocamento e do dinheiro. Possibilitam o conhecimento do mundo todo (LABARTHE, 1937, p. 14).

A *Universidade do ar* (1941-1945), transmitido pela Rádio Nacional (RJ), objetivava a qualificação de professores do ensino médio. A atração educativa ficava sob a supervisão da Divisão de Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura, e era dirigida pela professora Lúcia de Magalhães que procurava equacionar os problemas enfrentados, sob vários aspectos, pelos bacharéis no exercício do magistério. A Rádio Nacional (PR-8), cobria com eficiência grande parte do território nacional, o que fazia com que tal iniciativa educacional tivesse a possibilidade de ser grandemente sintonizada.



A *Universidade do ar* nasceu como um presente de aniversário ao então Presidente da República, Getúlio Vargas (1934-1945/1951-1954), na tentativa de resolver um debate recorrente nas elites brasileiras sobre a qualificação da formação docente para os estudantes secundaristas. Importante ressaltar que o governo utilizava o rádio no *Estado Novo*, num momento de grande repressão, oferecendo educação e, ao mesmo tempo, difundindo sua política maquiada de populismo, com objetivo de enaltecer a imagem de Vargas como estadista.

A Reforma Francisco Campos (Decreto nº 19.890/31) já previa que a qualificação do professor para o ensino secundário deveria ocorrer em nível superior e a necessidade do oferecimento das vagas pela Faculdade de Educação (BRASIL, 1931). Entretanto, por vários fatores, os docentes secundaristas não se adequavam ao tipo previsto por tal legislação, algumas vezes por falta de formação específica, outras por exercerem o ensino em localidades distantes daquela onde funcionava a faculdade de ensino superior e, aí entrava o aparelho de rádio, no sentido de encurtar as distâncias, facilitando o trabalho destes professores. Assim, docentes dos diversos lugares do Brasil interessados na qualificação oferecida pela *Universidade no ar*, ouviam o rádio, todos os dias, das 18h45min às 19h, após uma convocação empolgada de grandes nomes do magistério nacional, estampada incansavelmente nas páginas de jornais e *reclames* de rádios.

A inscrição dos professores para acompanhamento das aulas era feita através dos correios e, ao que consta, teve grande adesão, especialmente no ano de 1942, com 4.929 ouvintes matriculados. Após as transmissões radiofônicas, os *scripts* utilizados pelos professores da Faculdade de Filosofia e do Colégio Pedro II, comunicadores-radialistas desta modalidade de ensino, eram enviados aos ouvintes (alunos) que, por sua vez, encaminhavam suas dúvidas para solução nas aulas posteriores. Apesar da empolgação inicial, logo depois, em 1943, os números do programa radiofônico demonstraram forte declínio, com queda importante nas inscrições e também na emissão de certificados – em todo o país, foram apenas 286 (MONACO; LEYENDECKER, 2019).

## Considerações

Considerando nossa indagação inicial, sobre o papel do rádio na implementação de projetos educativos no Brasil, entendemos que tal equipamento, desde sua popularização, teve grande destaque, inclusive como precursor do ensino à distância (EAD), trazendo a este modelo de educação celeridade e imediatismo. A história está repleta de inúmeros exemplos de iniciativas educacionais relevantes que ocupam, ainda hoje, espaço na memória daqueles que vivenciaram tais experiências pelo “*fazer educacional*”, com os ouvidos atentos ao aparelho de rádio e o lápis em punho, prontos a disparar as consoantes e vogais anunciadas pelo “*Ditado*” elaborado pela admirada professora (*Speaker*).

Sob o ponto de vista das fontes, infelizmente a maior parte das emissoras de rádio pouco se preocupou com o acondicionamento adequado de seus registros sonoros. As fitas de acetato e os vinis, carentes de cuidados especiais, somente despertaram a atenção para seu conteúdo a partir do entendimento do método digital. Poucas são as fontes sonoras aptas à consulta do estudo desenvolvido neste artigo. Entretanto, alguns *guardados* nas emissoras de rádio e em arquivos pessoais dos produtores, foram fundamentais na preservação de textos, bem como das narrativas que se tornaram livros, fornecendo importante auxílio aos pesquisadores em sua tarefa de recontar a história da educação através das ondas do rádio.

Finalmente, cabe ressaltar que nem sempre as experiências de educar através do rádio foram exitosas, o que não retira deste veículo seu protagonismo como um dos pioneiros no que hoje chamamos *educomunicação*. O rádio, mesmo hoje, busca uma maneira de transmitir com eficiência a mensagem que fuja aos ensinamentos ordinariamente ministrados no ensino presencial. Através dele, a comunicação é, igualmente, imediata: o mensageiro fala e o receptor ouve. Entretanto, após este último processo entendemos que há que se desenvolver uma metodologia, talvez conjunta, entre produtores de rádio e professores, através da qual possa se mensurar, num plano interativo, a lisura da didática implementada (comunicador) com o grau de compreensão alcançado pelo ouvinte.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, João Roberto Moreira. A história da EAD no Brasil. *In*: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (org.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. 1 v. p. 9-13.
- ANDRADE, Mário de. **Amar, verbo intransitivo**: idílio (1944). 16. ed. Belo Horizonte: Villa Rica, 1995. (Coleção Biblioteca de Literatura Brasileira, 2).
- ANDRADE, Mário de. *Atrás da Catedral de Ruão*. *In*: ANDRADE, Mário de. **Contos Novos (1947)**. Barueri, SP: Novo Século, 2017.
- BRASIL. **Decreto n. 19.890, de 18 de abril de 1931**. Dispõe sobre a organização do ensino secundário. Rio de Janeiro, 1931. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1930-1949/d19890.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d19890.htm). Acesso em: 14 dez. 2021.
- BRASIL. **Decreto n. 21.111, de 1 de março de 1932**. Aprova o regulamento para a execução dos serviços de radiocomunicação no território nacional. Rio de Janeiro, 1932. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/440318/publicacao/15694959>. Acesso em: 14 dez. 2021.
- CALIL, Carlos Augusto; PENTEADO, Flávio Rodrigo (org.). **Mário de Andrade: me esqueci completamente de mim, sou um departamento de cultura**. São Paulo: Imprensa Oficial SP, 2015.
- CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- CASTRO, Ruy. *Roquette-Pinto: o homem multidão*. **Aminharadio**, Lisboa, 2013. Disponível em: [https://www.aminharadio.com/radio/brasil80\\_roquette](https://www.aminharadio.com/radio/brasil80_roquette). Acesso em: 3 dez. 2022.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história (1975)**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2020.
- CHARAUDEAU, Patrick. Problemas de análise das mídias. *In*: MEDITSCH, Eduardo (org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, 2005. 1 v. p. 223-230.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- COELHO, Patrícia. Entre scripts e irradiações: uma análise sobre as fontes que nos possibilitam estudos de programas educacionais radiofônicos nas décadas de 1930 e 1940. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34. 2011, Recife. **Anais [...]**. Recife: Intercom, 2011. Disponível em: [http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/lista\\_area\\_DT4-RM.htm](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/lista_area_DT4-RM.htm). Acesso em: 5 dez. 2021.
- COSTA, Patrícia Coelho da. **Educadores do rádio: concepção, realização e recepção de programas educacionais radiofônicos (1935-1950)**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04072012-104019/pt-br.php>. Acesso em: 14 nov. 2021.

DEL BIANCO, Nélia Rodrigues. Aprendizagem por rádio. *In*: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (org.). **Educação a distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. 1 v. p. 56-64.

ESPINHEIRA, Ariosto. **Rádio e Educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1934. 23 v.

ESPINHEIRA, Ariosto. **Viagem através do Brasil**: Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1941. 6 v.

FARIA, Adriano Antonio; SALVADORI, Angela. A educação a distância e seu movimento histórico no Brasil. **Faculdades Santa Cruz**, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 15-22, jan. 2011. Disponível em: <https://unisantacruz.edu.br/revistas/index.php/revusc/article/view/120/118>. Acesso em: 10 set. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder (1979)**. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

HORTA, Jose Silverio Baia. Histórico do rádio educativo no Brasil (1922-1970). **Cadernos da PUC-Rio**, Rio de Janeiro n. 10, p. 73-123, set. 1972. Disponível em: [http://cremeja.org/a7/wp-content/uploads/2019/08/Jose\\_Silverio\\_Baia\\_Horta\\_historico\\_radio\\_educativo.pdf](http://cremeja.org/a7/wp-content/uploads/2019/08/Jose_Silverio_Baia_Horta_historico_radio_educativo.pdf). Acesso em: 10 out. 2021.

HOUT, Michael. Social and Economic Returns to College Education in the United States. **Annual Review of Sociology**, San Mateo, California, v. 38, n. 1, p. 379-400, Aug. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.012809.102503>. Acesso em: 13 nov. 2021.

LABARTHE, Ilka. **O Tapete Mágico de Tia Lucia**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Nacional, 1937.

MENDONÇA, Valéria Márcia. Educação Popular: Experiências de Rádio-Educação no Brasil, de 1922 a 1960. **Boletim Técnico do Senac**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, p. 28-41, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://bts.senac.br/bts/article/view/304/287>. Acesso em: 6 nov. 2021.

MONACO, Rosa Maria Garcia; LEYENDECKER, Niely Natalino de Freitas. O ensino via rádio por meio das iniciativas educativas da Universidade do ar (1941 -1945) e do Projeto Minerva (1970-1989). *In*: CASTRO, Ricardo Figueiredo de *et al.* (org.). **Anais do 2º Encontro Internacional História & Parcerias**. Rio de Janeiro: Anpuh-Rio, 2019. Disponível em: [https://www.historiaeparcerias2019.rj.anpuh.org/conteudo/view?ID\\_CONTEUDO=630](https://www.historiaeparcerias2019.rj.anpuh.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=630). Acesso em: 10 jul. 2022.

NUNES, Ivônio Barros. Noções de educação a distância. **Revista Educação a Distância**, Brasília: Instituto Nacional de Educação a Distância. v. 4, n. 5, p. 7-25. abr. 1994.

PHILIPPI, Carolina Cechella. “Viagem através do Brasil”, nação através da leitura - literatura de formação para a infância brasileira (1941). *In: Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal-RN: ANPUH, 2013. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1362700356\\_ARQUIVO\\_CarolinaPhilippi-ViagematravesdoBrasil,nacaoatravesdaleitura.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1362700356_ARQUIVO_CarolinaPhilippi-ViagematravesdoBrasil,nacaoatravesdaleitura.pdf). Acesso em: 10 set. 2021.

SILVA, Gênese Andrade da. Apresentação. *In: SILVA, Gênese Andrade da (org.). Modernismos 1922-2022*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

SOUZA, José Inacio de Melo. **O Estado contra os meios de comunicação (1889-1945)**. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2003.

ZIGIOTTO, Diego M. **Las mil y una curiosidades de Buenos Aires: la ciudad que no conocemos**. Buenos Aires: De Los Cuatro Vientos, 2012.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **A construção histórica da programação de rádios públicas brasileiras**. 2010. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/4415>. Acesso em: 14 out. 2021.

## Sobre os autores

### Vitor Hugo de OLIVEIRA

Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia – MG – Brasil. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História e Historiografia da Educação.

### Marco Antonio de SANTANA

Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia – MG – Brasil. Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia/MG. Membro do Grupo de Pesquisa “Estudos interdisciplinares em História da Educação (fontes, teoria e metodologia)” do PPGED UFU.

**Processamento e edição: Editora Ibero-Americana de Educação.**

Revisão, formatação, normalização e tradução.

